

**Resenha Crítica:**

**VIVANT, Elsa. O que é uma Cidade Criativa?. São Paulo: SENAC, 2012.**  
**Resenha de BULCÃO, Maria.**

O livro “O que é uma Cidade Criativa?”, no original “Quest-ce que la ville créative?” escrito por Elsa Vivant, foi publicado na França em 2009 pela editora “...”, Elsa é formada em Urbanismo, Estudos Urbanos e Economia. O livro foi traduzido pelo SENAC/SP e lançado no Brasil em 2012. Pode ser encontrado nas grandes livrarias virtuais, como FNAC, Saraiva e outras e também em livrarias de rua. Contendo 93 páginas e com uma capa atraente e bem colorida, com ilustrações que remetem à noção de Cidade Criativa.

Vivant aborda a mudança de comportamento das cidades, que saem de um perfil industrial para criativo. Cita os processos de gentrificação que aconteceram em grandes cidades como Nova Iorque e Paris, entre outras. A autora cita em diversos momentos de seu texto o autor Richard Florida, criticando em muitos pontos seu radicalismo mas ao mesmo tempo, validando sua pesquisa e seus resultados.

Inicialmente sua teoria é baseada na criação de novos indicadores, que mostrem um perfil daquele local, daquela cidade. Um exemplo marcante das mudanças sociais é o índice estabelecido por Richard Florida, que calcula a população gay do local, denominado por ele de gaytrificação, uma referencia à palavra gentrificação que designa a mudança de uma área, um bairro, a partir do aumento da comunidade homossexual. Outro índice sugerido é o de artistas boê-

mios, como fator determinante para a mudança de comportamento de algumas regiões. Elsa Vivant acha audacioso de Florida a afirmação do índice de gaytrificação mas por outro lado afirma que a mesma “joga pimenta nos olhos dos políticos”, querendo enfatizar a mudança necessária aos Políticos afrente de um tema repleto de preconceitos e tabús. A utilização de ambos os índices, gaytrificação e o Boêmio é considerada pouco eficaz e ineficiente diante das grandes diferenças existentes nas cidades.

O foco central da discussão é que a presença de um grupo com características específicas, atrai outros com as mesmas características, transformando o bairro, a região, de acordo com suas atitudes. As grandes empresas passam a escolher locais onde se encontra mão de obra criativa para se estabelecerem. Uma preocupação levantada, em contraponto às expansões relacionadas ao processo de gentrificação é a dificuldade de artistas conseguirem vistos, a autora aponta que os processos demorados e embaraçosos atrapalham a fluência das classes artísticas e também aceleram a saída de grandes complexos empresariais em busca de outros países cujo acesso é mais fácil. O caso mais claro exposto é das empresas do Vale do Silício, nos Estados Unidos que estão migrando para o Canadá em busca de mão de obra mais diversificada.

Todas essas mudanças, que acontecem naturalmente nas cidades, geram demandas a nível governamental, a necessidade dos líderes se adaptarem e passarem a participar dessa vida criativa das cidades se torna necessidade básica para o funcionamento das cidades modernas. A autora aborda a questão dos star sys-

tem, sistema onde grandes empresas, Hollywoodianas, mais especificamente, monopolizam e guiam o “gosto” cultural e criativo da população.

A autora usa alguns exemplos para mostrar a cultura alternativa, como “O Gosto OFF”, “O Rock alternativo” e também “Os squats dos artistas”, locais onde tais artistas off se instalam e dão início ao processo de gentrificação, tão citado. Artistas que vão contra as doutrinas globalizadas, buscam os chamados squats, novos nichos para se unirem e criarem suas próprias “regras” e novas doutrinas a serem futuramente combatidas.

Ocorre a revalorização simbólica dos lugares, dando um novo valor a lugares antes abandonados. Citando Elisa Vivant, “os artistas são os primeiros mediadores da promoção de seu bairro”. Em um de seus capítulos, a autora chega a questionar se tais artistas são Iniciadores ou Indicadores da Gentrificação. Essa mudança no comportamento das cidades, gerada a partir da instalação e ocupação de artistas acaba por dar início a um efeito inverso, onde os poderes públicos, os políticos estão preocupados em suprir tais demandas, acabando tornando a cultura prioridade. Tal afirmação fica mais clara na citação “É bem verdade que a satisfação das necessidades dos habitantes permanece sendo o

objetivo primeiro das políticas culturais das municipalidades. (...) a cidade cultural se tornou um indicador da qualidade de vida de uma cidade, em particular na classificação das “cidades em que é bom viver” efetuada regularmente por revistas.”.

Como conclusão a autora, além de enfatizar o “Paradoxo da Cidade Criativa”, colocando os prós e contra desse processo e das mudanças por ele acarretados, a autora também introduz o termo “serendipidade”, que diz respeito ao acaso ocorrido nas descobertas, ao encontrar algo que não se procurava. A autora diz “Esse termo, apesar de pouco usado, é muito importante para expressar o papel do acaso nas descobertas científicas e também nos pequenos prazeres da vida e da cidade.”

Vê-se as discussões colocadas pela autora muito pertinentes e principalmente, muito importantes de serem abordadas nesse momento no Rio de Janeiro, cidade cede de grandes eventos e que aproveita tal momento para repensar as políticas públicas e criativas. Além dos chamados megaeventos, a cada dia, a ocupação dos espaços públicos por atividades artísticas e criativas aumenta. A discussão acerca de tal tema é fundamental para o bom andamento de tais eventos, seja em qual escala for.